

SIMÃO BACAMARTE E NISE DA SILVEIRA: ARTE DE ALIENISTASIdemburgo Pereira Frazão¹Laís Francisco do Nascimento Alves²Mayara Souza dos Reis Silva³

Resumo: O presente artigo constitui-se como reflexão preliminar sobre aspectos inerentes à saúde mental e sua problematização no campo ficcional. O eixo do trabalho está no diálogo reflexivo proposto entre as atitudes do personagem Simão Bacamarte, protagonista de “*O Alienista*”, de Machado de Assis, e os procedimentos arte-terapêuticos utilizados pela Doutora Nise da Silveira em sua carreira na psiquiatria. A obra ficcional machadiana, já citada, foi escolhida como objeto de análise por apresentar uma narrativa marcada pela temática da loucura, trabalhada a partir de uma “ironia fina”, bem aos moldes do “Bruxo do Cosme Velho”. A partir da problematização de alguns elementos inerentes às questões das identidades e das marginalidades, o artigo investiga a possibilidade de o personagem principal de *O alienista* e a doutora Nise possuírem algo em comum, em termos da visão relativa à loucura. No percurso reflexivo do texto, tratar-se-á, também, de aspectos biográficos dos “dois alienistas”, tendo como base para a elaboração do artigo obras de autores como Daniel Piza, Érica Peçanha do Nascimento, Michel Foucault e Nise da Silveira.

Palavras-Chave: Machado de Assis, Nise da Silveira, *O alienista*, Loucura-Marginalidade e identidades.

SIMÃO BACAMARTE AND NISE DA SILVEIRA: ART OF ALIENISTS

Abstract: This article is a preliminary reflection on aspects inherent to mental health and its problematization in the fictional field. The focus of the work is on the reflective dialogue proposed between the attitudes of the character Simão Bacamarte, protagonist of “*O Alienista*”, by Machado de Assis, and the art-therapeutic procedures used by Doctor Nise da Silveira in her career in psychiatry. The fictional Machado de Assis work, already mentioned, was chosen as an object of analysis because it presents a narrative marked by the theme of madness, worked from a “fine irony”, very similar to the “Wizard of

¹ Doutor em Literatura Comparada (UFRJ - 2000); Mestre em Literatura Brasileira (UERJ - 1994). Professor da graduação em Letras, do PPG em Humanidades, Culturas e artes - Mestrado e Doutorado (UNIGRANRIO) e do Núcleo de Artes Nise da Silveira (III CRE - SME/ RJ).

² Graduada em Letras, Inglês Português, pela Unigranrio

³ Graduada em Letras, Inglês Português, pela Unigranrio

Cosme Velho”. From the problematization of some elements inherent to the issues of identities and marginalities, the article investigates the possibility that the main character of *O alienista* and Dr. Nise have something in common, in terms of the vision related to madness. In the reflective path of the text, biographical aspects of the “two alienists” will also be dealt with, based on the elaboration of the article, works by authors such as Daniel Piza, Érica Peçanha do Nascimento, Michel Foucault and Nise da Silveira.

Key-Words: Machado de Assis, Nise da Silveira, *The alienist*, Madness and Marginality.

INTRODUÇÃO

O artigo aqui apresentado realiza uma reflexão preliminar sobre aspectos inerentes à saúde mental e sua problematização no campo ficcional. Não se intenta aprofundar estudos sobre a problemática manicomial, ou mesmo discutir o melhor procedimento no tratamento daqueles que sofrem por problemas mentais. Trata-se de um exercício reflexivo que parte da ficção machadiana para um primeiro “diálogo” da obra *O alienista* com o trabalho de uma estudiosa fundamental dos problemas psíquicos, no Brasil. O eixo do texto está no diálogo reflexivo proposto entre as atitudes do personagem Simão Bacamarte, protagonista de “*O Alienista*”, de Machado de Assis, e os procedimentos arte-terapêuticos utilizados pela Doutora Nise da Silveira.

A literatura brasileira vem abordando questões de suma importância para a sociedade, ao longo do tempo. Cada movimento literário traz diversos questionamentos e diálogos com estéticas que lhes são posteriores e anteriores. Dentre estes diversos movimentos estéticos, um teve grande destaque, o realismo, por ter como marca a quebra da visão idealizada estabelecida pelo Romantismo. A maior diferença entre essas duas estéticas está no fato de que o realismo passou a mostrar que as pessoas não são tão agradáveis, corretas e bondosas como se costuma idealizar. E isso se encaixa bem nas instâncias ficcionais machadianas.

À conhecida ironia machadiana são adicionados outros condimentos ficcionais, como a sinuosidade narrativa, o pessimismo rascante, a conversa com os leitores - com as leitoras aficcionadas em folhetins. É marcante, como se sabe, nos romances e contos machadianos, a presença de questões baseadas nos conflitos humanos mais íntimos, e a utilização de estratégias textuais aos moldes de autores como Sterne, Xavier de Maistre, com uma forte incursão na psicologia das personagens. De escritor de romances de inclinação romântica, como *A mão e a Luva e Ressurreição* - em sua primeira fase romanesca -, Machado de Assis passa, no ciclo de sua maturidade literária, a chamar a atenção para o trato da realidade de maneira objetiva e crítica. A cosmovisão de seu segundo ciclo não mais é marcada pela idealização, mas sim por um forte pessimismo em relação às atitudes humanas.

UM ESTRATEGISTA DA MENTE HUMANA

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu no dia 21 de Junho de 1839, na cidade do Rio de Janeiro. Passou sua infância em uma casa modesta no Morro do Livramento. Seu pai, Francisco José de Assis, era filho de escravos libertos, exercia a profissão de pintor, e Maria Leopoldina Machado de Assis, sua mãe, era lavadeira. Aos 17 anos, arranjou emprego na Tipografia Nacional, onde trabalhava como tipógrafo. Nesse momento, sua vida começaria a mudar, graças a algumas reclamações de seu chefe ao diretor da gráfica, Manoel Antônio de Almeida. Machado despertou a curiosidade de Maneco Almeida (apelido dado carinhosamente ao escritor por Machado de Assis), que decidiu conhecer o menino que largava suas tarefas para se entregar a leitura escondido durante o horário de trabalho.

O “Bruxo do Cosme Velho” foi cronista, contista, romancista, poeta, teatrólogo, crítico e, acima de tudo, um grande leitor. É reconhecido pelos críticos e pelo público leitor, como o maior escritor da Literatura Brasileira. Foi o fundador da Academia Brasileira de Letras.

No dia 29 de setembro de 1908, morre o autor de *D. Casmurro*, aos 69 anos. Suas obras possuem a magia de fazer o indivíduo pensar e questionar sobre o porquê de seus textos chamarem tanta atenção até hoje. Isto se dá por causa do seu estilo e por nos fazer pensar criticamente sobre a realidade. Luiz Antônio Aguiar (2008) fecha o capítulo do livro *Almanaque Machado de Assis: Vida, Obra, Curiosidades e Bruxarias Literárias* dizendo que o autor deve ser lembrado como aquele que trouxe para a literatura a reflexão sobre as mazelas sociais e deve ser respeitado por sua brilhante capacidade artística.

O conto *O Alienista*, eixo do presente artigo, trata da história do personagem Simão Bacamarte, um cientista que retorna à cidade de Itaguaí e que prezava muito sua profissão, suas descobertas e seus estudos. Deve-se ter em mente que a obra foi escrita sob a hegemonia da ciência, momento em que o realismo-naturalismo levava ao extremo as figurações do determinismo e do evolucionismo. Crítica ou reflexão sobre a ciência, o conto aqui destacado nos leva a refletir sobre as atitudes humanas e o tratamento dado aos que sofrem por problemas psíquicos.

Um dos desejos de Simão Bacamarte, protagonista de *O Alienista*, era o de abrir uma clínica para o tratamento de pessoas mentalmente desequilibradas, segundo certos pressupostos científicos. Depois de uma inicial resistência, por parte do governo, a Câmara cedeu este direito a ele. A clínica ficou conhecida como Casa Verde e após o período de comemoração pela inauguração da mesma, iniciaram-se os acontecimentos que culminaram na “ruína” do alienista, Dr. Simão Bacamarte. Ele começou a analisar os casos clínicos, entendendo que os indivíduos internados na clínica possuíam algum tipo de distúrbio e que deveriam ser estudados mais a fundo. Entretanto, Bacamarte era ambicioso em termos de conhecimento científico. Ele elaborou um novo plano: estudar mais as atitudes dos cidadãos, para que conseguisse estabelecer o limite entre a razão e a loucura. Para isso, não mediu esforços.

No decorrer dessa tentativa de delimitar os extremos entre estas características, uma sequência de ocorridos faz com que o cientista comece a interditar e internar pessoas que eram consideradas sãs na sociedade em que estavam inseridas. É nessa faina do estudioso da *psique* humana que o narrador inocula sua ironia. Ele aponta para acontecimentos corriqueiros aparentemente óbvios ou tradicionais, que são vistos como comportamentos desviantes pelo psiquiatra e como o fato de a população de Itaguaí estar revoltada com tal comportamento.

Porfírio, o barbeiro, não se conformava com as atitudes do cientista e liderou a revolução denominada Revolução dos Canjicas, em que conseguiu convencer metade dos soldados a passarem para o lado dele. O restante, não querendo enfrentar os companheiros de farda, recuaram, dando a vitória aos Canjicas que conseguiram derrubar os governantes da Câmara.

Após assumir o poder, Porfírio se mostra contrário aos procedimentos psiquiátricos do alienista, mas ao contrário do que a população esperava, mais à frente, tenta se aliar a Simão e propõe um acordo. Porfírio procura negociar a libertação de pessoas consideradas “curadas”, explicando que seria uma forma de dar uma satisfação a população, que aguardava ansiosamente por uma atitude do novo governante, porém, não tinha nenhuma intenção de interferir na autoridade de Simão. O Alienista, por sua vez, não se manifestou diante da proposta do barbeiro. A população nota que desde que Porfírio assumiu o governo, não tomou nenhuma providência em relação à Casa Verde. Levando estes fatos em consideração, o povo se revolta novamente e o retira do poder. Agora, quem assume é João Pina, rival de profissão de Porfírio.

Chega um determinado momento em que Bacamarte já havia internado praticamente a maior parte da população e começa a se questionar se não era ele, efetivamente, o louco.

NAS MARGENS DA LOUCURA

No decorrer da conto, é perceptível que o personagem Simão Bacamarte busca, incessantemente, estabelecer um limite entre a razão e a loucura, fazendo dos moradores da cidade seus objetos de estudo. Por fim, o alienista chegou à conclusão de que as diferenças comportamentais não eram suficientes para dizer que os pacientes da Casa Verde eram mentalmente sãos ou não. Mas afinal, o que é a loucura?

Segundo Michel Foucault no seu livro "*A História da Loucura*", a loucura, na verdade, é um fato que pode ser considerado cultural e não biológico como costuma ser definida. Ao analisar a sociedade, em diferentes momentos da história, pode-se afirmar que em cada época as pessoas se comportavam de modo diferente. Pode-se ratificar a afirmativa, no trecho destacado a seguir. Quem não se comportasse de acordo com o modelo social seria considerado "louco":

Toda uma literatura de contos e moralidades. Sua origem, sem dúvida, é bem remota. Mas ao final da Idade Média, ela assume uma superfície considerável: longa série de "loucuras" que, estigmatizando como no passado vícios e defeitos, aproximam-nos todos não mais do orgulho, não mais da falta de caridade, não mais do esquecimento das virtudes cristãs, mas de uma espécie de grande desatino pelo qual, ao certo, ninguém é exatamente culpável mas que arrasta a todos numa complacência secreta.(FOUCAULT, 2004, p.18).

Todavia, a loucura não foi sempre tratada como algo prejudicial. Começa-se a ter um olhar negativo sobre ela a partir do século XVII, mas somente no século XIX a loucura passa a ser vista como doença. A partir deste momento, dá-se o aval aos médicos, para que, utilizando os conhecimentos científicos, pudessem determinar, oficialmente, quem era são e quem não era louco. Como consequência disto, as pessoas consideradas "loucas" começaram a ser internadas.

O questionamento que queremos ressaltar é o do motivo que possibilita a ligação entre a obra citada acima com a questão da marginalidade. Este diálogo é possível, pois o personagem principal utiliza-se de seu conhecimento

científico para deixar os outros personagens fora do convívio social, atribuindo a um determinado saber científico o poder de decisão arbitrária sobre o todo social. Porém, quando percebe que excluiu os outros, ou quase todos, e reflete sobre a possibilidade de o problema estar com ele (e/ou suas teorias), Bacamarte se isola da sociedade. Trazendo um fecho bem aos moldes machadianos.

Para melhor compreensão do motivo desta possibilidade de entender o louco como marginal na literatura, é importante que se reflita, antes, sobre a noção de marginalidade. Do ponto de vista de Érica Peçanha, autora do livro *“Vozes Marginais da Literatura”*, o termo marginal, na literatura, costuma remeter ao período da ditadura Militar, relacionado à chamada geração mimeógrafo, da década de 1970. O poeta que não seguia os padrões editoriais, o modelo imposto pelas editoras era denominado marginal, mesmo pertencendo à classe média. Mas o termo marginal é utilizado também para tratar de outros grupos, que têm na inserção social seu corte temático. Esse é o caso dos participantes da COOPERIFA, como Ferrez e Sacolinha“, que se autodenominam escritores marginais de periferia. “O elemento comum entre os escritores é um conjunto de experiências compartilhadas na vida prática, e sobretudo, no imaginário coletivo, moldado pelo fato de serem 'moradores da periferia'.” (NASCIMENTO, 2009, p.151)

O artigo *Texto Ficcional e Marginalidade: A Loucura como Índice de Marginalidade em Lima Barreto*, contém passagens que aproximam a problemática da loucura a discussões sobre a marginalidade na literatura que corroboram com o que afirma Érica Peçanha. “Marginal é aquele ator social que não se encaixa bem nas regras sociais”. (FRAZÃO, p.3) Entretanto, o termo “marginal”, onde a questão da loucura, com é pensada, aqui, se insere, carrega consigo outra possibilidade de sentido:

A palavra marginal serve como adjetivo para aqueles que burlam as leis e também para quem contraria os costumes da tradição social. Essa dupla possibilidade de sentido inerente ao termo

“marginal” faz com que, muitas vezes, a palavra seja observada apenas pelo ângulo da infração, ligada ao mundo do crime. (FRAZÃO, p.3)

A “REBELDE” REVOLUCIONÁRIA

Conheceremos agora um pouco sobre a vida de Nise da Silveira que era uma mulher Alagoana, médica, casada, que resolveu dedicar sua vida aos estudos da Psiquiatria para tratar de Esquizofrênicos.

Nise era filha de um professor e de uma pianista. O desejo de seus pais era que se tornasse uma grande pianista, assim como sua mãe, mas a menina não levava o menor jeito. O pai de Nise nesta época lecionava matemática, em alguns estabelecimentos de ensino e a levava para assistir a algumas aulas, a fim de que tivesse convivência com alguns meninos. Depois disso, começou a estudar para entrar na faculdade, e em um dos exames conseguiu aprovação e foi estudar Medicina na Bahia. Formou-se no ano de 1926, logo após a morte de seu pai, com isso resolveu vir ao Rio de Janeiro começar uma nova vida.

Em 1935, a psiquiatra foi presa, logo após a denúncia de uma colega de trabalho, que viu em seus pertences alguns livros supostamente socialistas, livros estes que ela usava para estudar psiquiatria. Estávamos as vésperas da Segunda Grande Guerra, o presidente Getúlio Vargas flertava com o nazifascismo. Nesta época ocorria a “Intentona Comunista de 1935”. Por conta disso, algumas pessoas foram presas injustamente e encarceradas em presídios, onde sofreram vários tipos de tortura. Assim que a ditadura do Estado Novo acabou (1945), Nise retomou seu trabalho, no Centro Psiquiátrico Nacional Dom Pedro II, localizado no bairro do Engenho de Dentro, subúrbio do Rio de Janeiro. Foi lá que ela se consagrou “rebelde”, por não aceitar os métodos usados pela psiquiatria tradicional.

Prezando pelo bem-estar de seus pacientes, Nise da Silveira decide utilizar os métodos da Terapêutica Ocupacional, no tratamento de doentes mentais, iniciando uma revolução dentro do hospício Dom Pedro II. A médica

enfrentou a diretoria do hospital com o intuito de oferecer a seus pacientes uma vida melhor dentro daquele ambiente. Foi quando decidiu abrir algumas salas com diversas atividades, entendendo que seria uma forma de contribuir com o desenvolvimento do esquizofrênico, já que, segundo sua visão, o espaço exerce uma grande influência no tratamento do doente.

Ao todo, conseguiu abrir dezessete salas, algumas delas com atividades de oficina de pintura, modelagem. Até uma quadra de vôlei foi adaptada no pátio do hospital, logo depois que um time de doentes foi formado. Todas essas atividades foram propostas pela doutora Nise. Mas nenhuma delas poderia ser vista apenas como terapia ocupacional, já que a médica estudava e avaliava como cada uma daquelas dinâmicas poderia atuar na cura dos pacientes

Como se sabe, a conhecida psiquiatra Nise da Silveira dedicou sua vida aos esquizofrênicos e foi contra métodos e técnicas de tratamentos violentos. Ela acreditou e deu voz àqueles que sempre foram e ainda são excluídos da sociedade: os chamados genericamente, de loucos. Ela percebeu que a arte-terapia era uma saída para a liberdade mental dos internados.

Em 1999, mais especificamente no dia 30 de outubro, a doutora Nise da Silveira falece, deixando sua marca na prática e nos estudos sobre a psiquiatria contemporânea.

PONTO FINAL: NISE E SIMÃO, (DES)ENCONTRO ROTAS

Pôde-se observar, anteriormente, que o psiquiatra Simão Bacamarte possuía um posicionamento típico do cientificismo do século XIX, em relação à suposta loucura detectada nos habitantes da cidade de Itaguaí:

O principal nesta minha obra da Casa Verde é estudar profundamente a loucura, os seus diversos graus, classificar- lhe os casos, descobrir enfim a causa do fenômeno e o remédio universal. (ASSIS, 2017, p.7).

Já a visão da doutora Nise, no que diz respeito ao tratamento da saúde mental, era bem diferente. É conhecida a frase de Nise, que afirma: “Não se curem além da conta. Gente curada é gente chata”. A ideia de cura e de tratamento psiquiátrico sofre uma enorme reformulação nos estudos e nas ações da mulher que humanizou a clínica, no Brasil.

Bacamarte se insere entre aqueles que buscam mecanismo para forjar comportamentos desejáveis, “custe o que custar”. Os desviantes (marginais), devem ser asilados, seguindo sua linha de pensamento. O Uso de eletrochoques, da lobotomia estão entre os procedimentos da psiquiatria da época de Nise, que ela luta para extinguir. Mas é importante frisar, seguindo reflexões mais contemporâneas, que mesmo lutando contra os procedimentos desumanos, ambos parecem ainda agir a partir de um paradigma a ser atingido, o comportamento “normal”, esperável pela sociedade. A uniformização e não a liberdade é marcante em ambas as visões. O grande feito da doutora Nise foi, portanto, como se disse, há pouco, humanizar o tratamento psiquiátrico.

Nise não poupava esforços e sempre se propunha a ajudar a todo e qualquer paciente, desde os mais tranquilos até os considerados mais agressivos, demonstrava grande carinho por todos e se alegrava com as conquistas dos mesmos. Já Bacamarte mantinha-se inabalável com a sua postura fria e indiferente aos internos. Alegrava-se quando possuía um argumento para internar alguém na Casa Verde, internavam pessoas por qualquer tipo de comportamento diferente do que ele considerava adequado e, além disso, era dissimulado com os familiares dos internos e sempre que surgia uma oportunidade, arrumava algum motivo para internar o familiar também. Isto pode ser notado no trecho abaixo:

Quando ela acabou, estendeu-lhe a mão polidamente, como se o fizesse à própria esposa do vice-rei, e convidou-a a ir falar ao primo. A mísera acreditou; ele levou-a a Casa Verde e encerrou-a na galeria dos alucinados. A notícia desta aleivosia

do ilustre Bacamarte lançou o terror à alma da população. (ASSIS, 2017, p. 20).

Simão Bacamarte acreditava cegamente nas teorias científicas e queria prová-las a qualquer custo. Somente depois de muito conseguiu compreender que cada cidadão da cidade de Itaguaí tem uma personalidade e que ele jamais poderia fazer com que todos eles seguissem o mesmo padrão de comportamento. Neste ponto, Nise da Silveira não falhou, foi uma “alienista” que não teve o intuito de alienar ainda mais seus clientes. Sempre buscou formas para que mesmo que eles estivessem presos naquela instituição psiquiátrica, curassem-se através da arte. Queria que eles fossem capazes de expressar seus sentimentos e ter no momento da Terapia Ocupacional um lugar em que pudessem ser quem quisessem e através disso, descobrir nestas atividades um caminho para a cura.

Pode-se concluir que a falha do alienista e o sucesso da alienista deram-se pela forma de olharem para o outro, mesmo que sob a perspectiva da ciência, pois o que faltou na conduta de Simão Bacamarte, o afeto, foi fundamental no relacionamento de Nise com seus pacientes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente artigo apresenta um olhar interpretativo para obra *O alienista*, baseado na reflexão sobre a maneira como quem sofre com problemas psicológicos é observado pela sociedade. Isso ocorre ao pôr em diálogo as atitudes de dois psiquiatras e apontar para as questões inerentes aos temas da marginalidade e da loucura.

Ao contrastar as atitudes do personagem Simão e a conduta da doutora Nise da Silveira, fica evidente a discrepância entre ambos, no que diz respeito ao olhar sobre comportamentos desviantes, pois possuem formas distintas de lidar com a questão de recuperar a suposta sanidade mental dos reclusos das

respectivas clínicas. O personagem, além de se julgar capaz de interferir e de diagnosticar os cidadãos da cidade de Itaguaí, ainda buscava confirmar que suas teses estavam corretas e que deveriam ser universalizadas, bem aos moldes da estética naturalista. A estratégia textual escolhida pelo autor para criticar a vertente surgida na época foi muito utilizada por romancistas do naturalismo, como, Aluisio Azevedo, autor de *O cortiço* e *Domingos Olympio*, criador de *Luzia Homem*. O Naturalismo tem como marca, a tentativa de comprovar teses científicas, como o determinismo, o darwinismo, dentre outras.

O personagem Simão Bacamarte mostra, ao longo de todo o enredo da obra, que julga deter os conhecimentos científicos e capacidade suficiente para determinar quais cidadãos devem continuar convivendo em sociedade e quais deveriam ser retidos, mantidos à distância e ficar reclusos na Casa Verde, sendo submetidos aos tratamentos que o alienista julgava serem necessários na recuperação dos pacientes. Fica comprovado que ele não é capaz de dizer até que ponto um cidadão é saudável mentalmente ou não, por tomar atitudes diferentes da maioria dos cidadãos. Ele próprio se contradiz quando se interna na Casa Verde, virando cobaia de seus próprios estudos.

Enquanto Simão marginalizava e excluía as pessoas, que na sua concepção, eram consideradas loucas, Nise buscava, através de pesquisas e leituras, técnicas alternativas que ofereciam uma vida saudável e melhor para cada paciente, sem ter que utilizar de mecanismos agressivos no tratamento destas pessoas. O questionamento feito pode-se considerar respondido, pois de acordo com o entendimento sobre as definições já retratadas, é evidente que a loucura pode ser considerada como um comportamento que não é de feitio da sociedade de determinada época, e por isso, causa estranhamento nos demais indivíduos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Luiz Antônio. **Almanaque Machado de Assis: Vida, Obra, Curiosidades e Bruxarias Literárias**. 1ª edição. Rio de Janeiro. Editora Recorde, 2008. 312p.

ANDRADE, Mário de. **Aspectos da literatura brasileira**. 5ª edição. São Paulo. Editora Martins, 1974. 266p.

ASSIS, Machado. **Clássicos para todos: O Alienista**. Edição Especial. Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira, 2017. 96p.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 50ª edição. São Paulo. Editora Cultrix, 2015. 567p.

FOUCAULT, Michel. **História da Loucura**. 7ª edição. Brasil. Editora Perspectiva, 2004. 551p.

FRAZÃO, Idemburgo. **Texto Ficcional e Marginalidade: A Loucura como Índice de Marginalidade em Lima Barreto**. Artigo Disponível em Pdf no site Filologia.org. br. 10p. Acesso em 23 de abril de 2018

JÚNIOR, Peregrino. **Doenças e Constituição de Machado de Assis**. 2ª edição. Rio de Janeiro. Editora José Olympio, 1976. 133p.

MELO, Luiz Carlos. **Coleção Encontro/ Nise da Silveira**. Rio de Janeiro. Editora Beco do Azougue, 2009, p. 240.

PEÇANHA, Érica do Nascimento. **Vozes Marginais na Literatura**. 1ª edição. Rio de Janeiro. Editora Aeroplano, 2009. 348p.

PIZA, Daniel. **Machado de Assis: Um Gênio Brasileiro**. 3ª edição. São Paulo. Editora Imprensa Oficial, 2008. 416p.